

Esta carta, minha amiga, será bem longa. Não gosto muito de escrever. Tenho lido vezes sem conta que as palavras atraíçoam o pensamento, mas parece-me que as palavras escritas atraíçoam-no ainda mais. Sabeis o que fica de um texto depois de duas traduções sucessivas. Além disso, não tenho jeito. Escrever é uma escolha perpétua entre mil expressões, nenhuma das quais me satisfaz, nenhuma das quais, sobretudo, me satisfaz sem as outras. Eu devia, no entanto, saber que só a música permite encadear acordes. Uma carta, mesmo a mais extensa das cartas, obriga a simplificar o que o não deveria ser: somos sempre tão pouco claros, mal tentamos ser completos! Queria fazer aqui um esforço, não apenas de sinceridade, mas também de exactidão; estas páginas hão-de conter numerosas rasuras; contêm-nas já. Aquilo que vos peço (a única coisa que ainda posso acaso pedir-vos) é que não omitais uma só destas linhas que tanto me terão custado. Se é difícil viver, bem mais penoso é explicar a vida que se vive.

Teria sido porventura melhor não ter partido sem uma palavra, como se me envergonhasse, ou como se houvésseis compreendido. Teria sido melhor eu explicar-me em voz baixa, muito lentamente, na intimidade de um quarto, a essa hora sem luz em que as pessoas se distinguem tão pouco que quase se atrevem a confessar tudo. Mas conheço-vos, minha amiga. Sois

muito bondosa. Num relato deste gênero, há qualquer coisa de compassivo, capaz de enternecer; por me haverdes lamentado, suporíeis ter-me compreendido. Conheço-vos. Quereríeis poupar-me o que há de humilhante em tão demorada explicação; interromper-me-íeis demasiado cedo; eu teria a fraqueza de, a cada frase, esperar ser interrompido. Possuíis também uma outra qualidade (porventura um defeito) que adiante referirei e do qual já não quero abusar. Por demais me culpo frente a vós por não me obrigar a manter uma distância entre mim próprio e a vossa compaixão.

Não se trata da minha arte. Não ledes os jornais, mas amigos comuns ter-vos-ão feito saber que eu tinha aquilo a que se chama êxito, o mesmo é dizer que muita gente me gaba sem me ter ouvido, e alguns sem me compreenderem. Não se trata disso. Trata-se de outra coisa, nada de propriamente mais íntimo (que posso eu ter de mais íntimo do que a minha obra?), mas que me parece mais íntimo porque o guardei escondido. Mais miserável, sobretudo. Mas vedes que hesito; cada palavra que escrevo afasta-me um pouco mais daquilo que eu queria exprimir a princípio; isso apenas prova que me falta coragem. Também a simplicidade me falta. Sempre me faltou. Mas tão-pouco a vida é simples, e não por minha culpa. A única coisa que me decide a continuar é a certeza de que não sois feliz. Já mentimos tanto, e sofremos tanto com a mentira, que não há de facto grande risco em experimentar se a sinceridade cura.

A minha juventude, melhor, a minha adolescência, foi absolutamente pura, ou o que se convencionou chamar pura. Sei que semelhante afirmação se presta sempre a sorrisos, porquanto prova geralmente uma falta de clarividência ou uma falta de franqueza. Mas não creio enganar-me, e estou certo de não mentir. Disso estou certo, Monique. Pelos meus dezasseis anos, eu era aquilo que desejais sem dúvida que o Daniel seja com essa idade, e deixai-me dizer-vos que fazeis mal em desejar semelhante coisa. Estou persuadido de que é mau arriscarmos-nos tão jovens a relegar toda a perfeição de que se foi capaz

para as recordações do nosso passado mais remoto. A criança que eu fui, a criança de Woroïno, já não existe, e toda a nossa existência tem por condição a infidelidade a nós mesmos. É perigoso que os nossos primeiros fantasmas sejam justamente os melhores, os mais queridos, os mais saudosos. A minha infância está tão longe de mim quanto a espera ansiosa da véspera dos dias de festa ou o torpor das tardes demasiado longas, em que se está sem fazer nada e se deseja que alguma coisa aconteça. Como posso esperar reencontrar essa paz, que então nem sequer sabia nomear? Separei-a de mim, dando-me conta de que ela não era eu próprio por inteiro. Há que confessá-lo desde já, mal posso garantir ter ainda saudades dessa ignorância a que chamamos paz.

Como é difícil não sermos injustos para conosco próprios! Dizia-vos eu há pouco que a minha adolescência não fora atribulada; assim o creio; muitas vezes me debrucei sobre esse passado algo pueril e tão triste; tentei recordar os meus pensamentos, as minhas sensações, mais íntimas do que pensamentos, e até os próprios sonhos. Analisei-os para ver se não descobriria neles algum significado inquietante, que me houvesse então escapado, e se não teria tomado a ignorância do espírito pela inocência do coração. Conheceis os pântanos de Woroïno; dizeis que parecem enormes pedaços de céu cinzento despeñados na terra, e tentando erguer-se em nevoeiro. Em menino, assustavam-me. Já então compreendia que tudo tem o seu segredo, e os pântanos também, que a paz, como o silêncio, não passa nunca de aparência, e que a pior mentira é a mentira da calma. Toda a minha infância, quando a recordo, me surge como uma calma imensa à beira de uma imensa inquietação, que a vida sempre havia de ser. Penso em circunstâncias, demasiado insignificantes para aqui as mencionar, de que então me não apercebia, mas onde distingo agora os primeiros frêmitos de aviso (frêmitos da carne e frêmitos do coração), como esse sopro de Deus de que falam as Escrituras. Há certos momentos da nossa existência em que nós somos, de uma forma inexpli-

cável e quase aterradora, aquilo que nos tornaremos mais tarde. Parece-me ter mudado tão pouco, minha amiga! O cheiro da chuva chegando até mim por uma janela aberta, um bosque de faias sob a bruma, certa música de Cimarosa, que as velhas senhoras me pediam para tocar porque, como imagino, lhes recordava a juventude, menos ainda, certa qualidade particular do silêncio, que apenas encontro em Woroïno, bastam para anular um sem-fim de pensamentos, de acontecimentos e mágoas que me separam dessa infância. Poderia quase admitir que esse intervalo durou pouco menos de uma hora, que se trata apenas de um daqueles períodos de sonolência, em que tantas vezes mergulhava nessa altura, durante os quais eu e a vida pouco tempo tínhamos para nos modificarmos. Basta-me tão-só fechar os olhos; tudo acontece exactamente como então; encontro, como se ele nunca me tivesse deixado, aquele rapazinho tímido, muito dócil, que não se considerava infeliz, e tão parecido comigo que suspeito, talvez injustamente, que pudesse parecer-se comigo em tudo.

Estou a contradizer-me, bem o vejo. Talvez suceda aqui o mesmo que sucede com os pressentimentos, imaginar que os tivemos porque deveríamos tê-los tido. O resultado mais cruel daquilo a que não posso deixar de ser forçado a chamar os nossos erros (quanto mais não fosse, para me conformar ao uso comum) é o de eles contaminarem a própria recordação do tempo em que não os cometíamos. É precisamente isso que me inquieta. Porque afinal, se acaso me engano, não posso saber em que sentido, e nunca esclarecerei se a minha inocência de então era menor do que eu garantia há pouco, ou se sou agora menos culpado de quanto me obrigo a supor. Mas dou-me conta de que não expliquei nada.

Escusado será dizer-vos que éramos muito pobres. Há qualquer coisa de patético na penúria das velhas famílias, nas quais parece que se continua a viver tão-só por fidelidade. Perguntar-me-eis a quem: à casa, suponho, aos antepassados, também, e simplesmente àquilo que fomos. A pobreza, Deus meu,

pouca importância tem para uma criança, como também não tinha para a minha mãe e as minhas irmãs, pois toda a gente nos conhecia e ninguém nos supunha mais ricos do que aquilo que éramos. A vantagem desses meios muito fechados de antigamente estava em considerar-se menos aquilo que se era do que aquilo que se tinha sido. O passado, por pouco que nele pensemos, é coisa infinitamente mais estável do que o presente, por isso parecia bem mais importante. Não nos prestavam mais atenção do que deviam, aquilo que admiravam em nós era um certo marechal-de-campo que vivera em tempos muito recuados, quando, já ninguém se recordava, há coisa de um século. Também me dou conta de que a fortuna de meu avô e as distinções alcançadas por meu bisavô permaneciam aos nossos olhos factos bem mais consideráveis, muito mais reais, até, do que a nossa própria existência. Essas antigas maneiras de ver far-vos-ão porventura sorrir; reconheço que outras, totalmente opostas, não seriam mais insensatas, mas estas, afinal, ajudavam-nos a viver. Tal como nada podia impedir que fôssemos os descendentes dessas personagens tornadas quase lendárias, nada podia tão-pouco impedir que continuassem a ser honradas em nós; era de facto essa a única parte verdadeiramente inalienável do património. Não nos censuravam por termos menos dinheiro e menor crédito do que eles haviam possuído; era por demais natural que assim fosse; pretender igualar essas figuras célebres teria sido algo de tão indecoroso como uma ambição despropositada.

Assim, o carro que nos conduzia à igreja teria parecido antiquado em qualquer outro sítio, mas, em Woröino, penso que um carro novo destoaria ainda mais, e se os vestidos da nossa mãe duravam um tanto demasiado, ninguém reparava nisso. Nós, os Gera, não passávamos, por assim dizer, do fim de uma linhagem, naquela terra tão antiga da Boémia do Norte. Poder-se-ia julgar que não existíamos, que personagens invisíveis, mas muito mais imponentes do que nós próprios, continuavam a encher com as suas imagens os espelhos da nossa casa. Que-